

OFICINAS DE ESCRITA

Respostas às atividades

I. COMPETÊNCIAS DE ESCRITA

OFICINA DE ESCRITA 1 PÁG. 4

ACENTUAÇÃO E PONTUAÇÃO

1

O acento grave e o acento agudo moravam na mesma linha do caderno de capa azul da Carolina. Costumavam conversar um com o outro sobre coisas que lhes vinham **à** cabeça, umas mais importantes outras menos, mas todas elas relacionadas com os sons que **têm** as palavras.

— Eu sou mais importante porque sou mais usado — dizia o acento agudo.

— Desculpa, mas mais importante sou eu, precisamente por ser mais raro — respondia, com voz aguda, o acento grave.

Quem gostava muito de assistir a estas discussões sem grande importâ**nc**ia era o ponto de exclamação, que se metia pelo meio sempre que não percebia alguma das afirmações ou ficava aborrecido com o tom que elas tomavam.

Comportamento diferente tinha o ponto de interrogação, com a sua mania de se meter no meio das conversas, mesmo das mais graves e agudas, para fazer perguntas por tudo e por nada. Coisas do géne**r**o: «Que horas são?» ou «Será que está a chover?» ou ainda «Que havemos n**ós** de fazer para matar o tempo enquanto a Carolina não começa a fazer os exercícios de Português?» Quase nunca lhe respondiam.

Uma vez, o caderno da Carolina caiu ao chão num dia chuvoso e triste e todos aqueles que entram nesta histó**r**ia só não apanharam uma grande molha porque a vírgula foi a correr chamar o acento circunflexo e ficaram todos muito abrigados debaixo do seu chapéu.

JOSÉ JORGE LETRIA, *Histórias de sono e de sonho*, Edições Desabrochar, 1990.

OFICINA DE ESCRITA 2 PÁG. 5

CONFUSÕES FREQUENTES NA ORTOGRAFIA DE ALGUNS VERBOS

1

agir

- a) É preciso que **ajas** com rapidez, para concluíres o trabalho em tempo útil.

sse / -se

- b) Se te **contasse** tudo o que sei, não acreditarias... **Conta-se** por aí muita coisa, que não corresponde à verdade, sabes?

haver

- c) A festa de Natal foi um sucesso. **Havia** muitos presentes para as crianças. Vocês **havam** de ter visto a expressão delas ao desembrulhá-los.
d) Continua com esse mau feitio e **hás de** ter muitos amigos!

mos / -mos

- e) Ao **darmos** presentes também nos sentimos felizes! Era o que a minha dizia ao **dar-mos**.
f) Hoje não **levamos** os manuais para a sala de aula. Por favor, **leva-mos** para o teu cacifo.

intervir

- g) As pessoas que **intervieram** no congresso eram de partidos políticos diferentes.
h) Atualmente, **intervimos** em mais situações do que no passado.

poder

- i) Vamos **poder** andar mais de carro quando o meu irmão **puder** tirar a carta de condução.
- j) O Ricardo **pode** dar-se por feliz, pois a professora não **pôde** vir dar teste.

ter a ver / ter a haver

- k) A informação que me transmitiste nada **tem a ver** com o que foi referido nas notícias.
- l) Ela ainda **tem a haver** trinta e cinco cêntimos.

OFICINA DE ESCRITA 3 PÁG. 6**ERROS DE CONCORDÂNCIA****1****1.1 Sujeito e verbo**

- a) As expressões do texto que comprovam a presença do narrador **são** «Não me lembro da idade que então tinha» e «já na altura me não lembrava».
- b) A gente **vai** à festa de anos da nossa amiga Joana.
- c) Cerca de 40 alunos **faltaram** à 1.ª Chamada de Exames.
- d) Um dos alunos que **faltaram** era o Carlos.
- e) Foram elas quem **comunicou** a trágica notícia.
- f) *Viagens na Minha Terra* **é** um livro de Almeida Garrett.
- g) *Os Lusíadas* **são** uma obra épica!

1.2 Sujeito composto e verbo predicado

- a) O Pedro e a Ana **desistiram** da prova de corta-mato.
- b) Um ou outro aluno **esqueceu-se** do material.
- c) Nem um nem outro **fizeram** o que lhes pedi.
- d) Tentei ligar-te, mas a bateria ou a rede **falhou**.
- e) A Mónica, como a Ana, **é trabalhadora**.
- f) Tanto a Mónica como a Ana **são trabalhadoras**.
- g) O Carlos, o Hélder e o Filipe, cada qual **participou** no concurso.
- h) No jardim, **passeava** a Tatiana, com o seu cão, e o seu irmão mais novo.

1.3 Verbo e predicativo do sujeito

- a) Aquilo **são** tretas.
- b) O resto **eram** falsidades.
- c) **Eram** oito horas quando acordei.
- d) Vinte euros **é** muito dinheiro.
- e) Fernando Pessoa **é** muitas pessoas ao mesmo tempo.

1.4 Adjetivo e nome

- a) Adquiri um carro e uma casa **antigos**.
- b) O gesto e a voz **cariciosa/cariciosos**, com que me disse isso, não me comoveram.
- c) Eu só uso camisa e *t-shirt* **amarelas**.
- d) O Paulo, a Filipa e a Ana são **fantásticos**.
- e) Encontrei **caída/caídas** a roupa e as molas.

COERÊNCIA E COESÃO

1

1.^a incoerência: «... **muitas pessoas** pareciam ter vontade de o ler». [Se o livro tinha um desejo imenso de ser lido e eram muitas as pessoas que tinham vontade de o ler, não tinha razões para se entristecer. Faria mais sentido dizer-se «... **muito poucas pessoas** pareciam ter vontade de o ler»].

2.^a incoerência: «... porque estava em **muito mau estado e tinha pouco para contar** ». [A esperança do livro em ser lido ou emprestado a um vizinho ou a um amigo, sempre que via as pessoas da casa aproximarem-se da estante, diminuía com o facto de se encontrar em mau estado e em ter pouco para contar. Deveria, portanto, ficar «... porque estava ainda em **muito bom estado e tinha bastante para contar** »].

3.^a incoerência: «Isto acontecera no tempo em que **já existiam computadores ...** » [Se já existiam computadores, não faz sentido afirmar-se que «a escrita de documentos importantes ou de trabalhos escolares de maior fôlego passava quase sempre pelo teclado resistente da velha máquina». Seria mais coerente ficar: «Isto acontecera no tempo em que **ainda não existiam** computadores e em que a escrita de documentos importantes ou de trabalhos escolares de maior fôlego passava quase sempre pelo teclado resistente da velha máquina, agora, também ela, triste e parada»].

2

Água

A água é a única substância que existe nos três estados da matéria (sólido, líquido e gasoso), a temperaturas correntes. Derrete a cerca de 0 °C e ferve a cerca de 100 °C. A água é uma das poucas substâncias que expande quando congela. A **sua** fórmula química é H₂O. A água cobre 71 % da superfície da Terra. A maioria está nos oceanos e rios. 1,6 % está no solo e apenas 0,001 % no ar, sob a forma de vapor, nuvens e chuva. Alguma da água da Terra (2,4 %) está congelada sob a forma de glaciares e calotes de gelo, mas o aquecimento global irá reduzir esta percentagem.

A água é uma substância única. Sem **ela** , a vida no nosso planeta seria impossível. Estamos tão habituados à **sua** presença que só damos conta da **sua** importância quando **esta** nos faz falta. Na Natureza, encontramos diversos tipos de água, dependendo dos elementos que **ela** contém: água potável (ideal para o consumo); água doce (dos rios, lagos e das fontes); água salgada (a que contém muitos sais dissolvidos, como a água do mar); água destilada (constituída apenas por hidrogénio e oxigénio, sem impurezas ou qualquer tipo de sal dissolvido); e água mineral (com uma grande quantidade de sais minerais dissolvidos e, por isso, com cheiro e sabor diferentes da água potável).

Sabias que, num só dia, uma árvore de grande porte pode chegar a evaporar até 300 litros de água? E que cerca de 88 % do cérebro humano é constituído por água, bem como 33 % dos ossos?

Não devemos desperdiçá-la, visto que é essencial para a sobrevivência de animais e vegetais na Terra.

Miniciclopédia ciência, 1.^a Ed., Lisboa, Edicare Editora, 2015 (adaptado)

3

B); D); A); C).

II. TEXTO LITERÁRIO

OFICINA DE ESCRITA 5 PÁG. 10

TEXTO NARRATIVO: NARRATIVAS CRUZADAS

1

— Ah! — disse o rato — o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava a correr e sentia-me feliz com o facto de finalmente ver à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.

— Você só precisa mudar de direção — disse o gato e devorou-o.

FRANZ KAFKA, «Pequena Fábula», in Narrativas do espólio (adaptado)

Luís Bernardo sentara-se, depois de ter feito de pé as suas alegações. Ficou a olhar para o Dr. Anselmo de Sousa Teixeira. A sala inteira ficou também a olhar para o juiz. O escrivão esperava de pena em riste, pronto a anotar a sentença: sabia que o Dr. Anselmo era rápido, quase instantâneo, a ditar a sentença, mal terminavam as alegações. Mas, nessa manhã, nada se estava a passar como habitualmente. A última surpresa veio do Dr. Anselmo: mais uma vez, ele tirou o lenço do bolso, limpou as lentes dos óculos e depois limpou a cara ao mesmo lenço. E também ele olhava agora pela janela, quando ditou:

— Marco a leitura da sentença para depois de amanhã, quarta-feira, às nove horas. Até lá, os réus permanecem detidos, à ordem do tribunal. Está encerrada a sessão.

MIGUEL SOUSA TAVARES, *Equador*, 15.ª edição, Lisboa, Oficina do Livro, 2004 (adaptado).

OFICINA DE ESCRITA 6 PÁG. 11

TEXTO NARRATIVO: COMPLETAR COM A INTRODUÇÃO

1

Resposta pessoal.

Proposta de introdução:

Dois estudantes encontraram numa estrada um azeiteiro que levava pela rédea um burro carregado de bilhas de azeite. E repararam que o azeiteiro batia, sem dó nem piedade, com o chicote no pobre burro. Este, provavelmente porque já vinha de muito longe, ia cansado, subindo a encosta a custo e ao ritmo das chicotadas do dono.

— Deve ser já muito velho, ou, então, está doente — disse um dos estudantes para o outro.

— Seja como for, o certo é que o azeiteiro só pensa no seu dinheiro — disse o outro, também indignado com aquela brutalidade.

— E se fôssemos explicar-lhe que é desumano tratar assim o animal?

— Não ganhamos nada com isso!

— Tens razão, ele deve ser um grande sovina. Podemos é ainda receber alguma chicotada como paga de nos termos intrometido na sua vida.

— É isso mesmo. Então arriscar por arriscar, vamos salvar o burro e, ao mesmo tempo, salvar a nossa situação.

— Que queres dizer?

— Não estamos aflitos, sem dinheiro?

— Se estamos! E daí?

— Tive uma ideia. Vamos roubar o burro e vendê-lo. É bom para nós que precisamos de dinheiro e bom para o burro que, com certeza, vai passar a ter um dono melhor.

TEXTO NARRATIVO: COMPLETAR/CONSTRUIR COM PALAVRAS DADAS

- 1 a) pedra; b) feliz; c) espantavam-se; d) problema; e) menos; f) caía; g) dores; h) médico; i) tesoura; j) morte; k) fé; l) deitado; m) menino; n) bem-disposto; o) pedras; p) não.
- 2 Resposta pessoal. Dada a natureza deste item, não é apresentado cenário de resposta.

OFICINA DE ESCRITA 8 PÁG. 13

CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA

- 1 Resposta pessoal.

OFICINA DE ESCRITA 9 PÁG. 14

TEXTO NARRATIVO: HISTÓRIA DE PERNAS PARA O AR

- 1 1.1 Resposta pessoal.

OFICINA DE ESCRITA 10 PÁG. 15

TEXTO DESCRITIVO: DESCRIÇÃO DE ESPAÇOS

1

Vocabulário ligado ao domínio dos sentidos:

Sensações visuais: «Saíram do Bairro, atravessaram a estrada, onde raramente um carro passava, cruzaram o pinhal»; «Quando chegaram ao alto da pequena duna [...] e deram de frente com o areal»; «areal, branco ...»; «deitaram a correr»; «Melhores corredores não estavam à vista»; «... a praia ganhava, novamente, o ar sadio das paisagens naturais, ...»; «toldos e banhistas que a tinham enchido nos meses de verão».

Sensações táteis: «areal, ... liso como um saco de açúcar derramado»; «mal tocando a areia com a ponta dos pés».

Recursos expressivos:

Adjetivação: «... pequena duna»; «... o areal, branco e liso...»; «Melhores corredores...»; «... últimos dias de setembro»; «... o ar sadio das paisagens naturais».

Comparação: «... como um saco de açúcar derramado.»

- 1.1 Resposta pessoal.

2

2. noite e dia; em certas tardes.

3. (casa) grande, branca e antiga; (pátio) quadrado; (jardim) de buxo, húmido e sombrio; (bancos) de azulejo; (escada) de granito coberta de musgo; (portão) que dava para a estrada; (janelas) debruçadas sobre pomares e campos; (várzea) verde; (montes) azulados; (cimos) roxos; mata carregada de murmúrios e perfumes [...] doirada.

4. corria uma fonte; atravessava a várzea verde; crescia a vinha [...] a mata.

- 2.1 Dada a natureza da proposta de atividade, não se apresenta cenário de resposta.

TEXTO DRAMÁTICO: TEXTO COM FINALIDADES ESPECÍFICAS

1

A grande invenção

Enfermeira — *(Está a pôr tudo em ordem no consultório. De fora ouvem-se vozes impacientes. Volta-se para fora de cena.)* Já sei. Têm toda a razão. Não sei o motivo por que é que o senhor doutor hoje se atrasou; não é costume. Tenham mais um pouco de paciência: devem ser os engarrafamentos... *(E continua a sua tarefa.)*

Médico — *(Entra apressado, do lado oposto.)* Bom dia!

Enfermeira — Bom dia, senhor doutor.

Médico — Finalmente cheguei! Hoje é impossível andar na cidade: obras, ocidentes... *(Vestindo a bata branca.)* Então que há de novo?

Enfermeira — Estão lá fora alguns pacientes um pouco impacientes.

Médico — Mande entrar o primeiro,

Enfermeira — *(Vai abrir a porta ao Pedro.)* Faça favor de entrar o primeiro.

Pedro — *(Entrando timidamente.)* Dá, licença, senhor doutor?

Médico — Entre...

Pedro — Bom dia, senhor doutor.

Médico — Bom dia. Sente-se e diga o que tem.

Pedro — *(Senta-se, voltado para o público.)* Senhor doutor, sofro de amnésia. Quero dizer que, de vez em quando, esqueço-me de tudo. Sou muito esquecido!

Médico — E isso acontece-lhe desde quando?

Pedro — *(Admirado)* Isso, o quê?

Médico — Refiro-me aos seus esquecimentos!

Pedro — Ah, sim. Tive uma amnésia repentina, mas já me passou. Desculpe, senhor doutor. *(Fica silencioso por uns momentos.)* De que é que estávamos a falar?

Médico — Deixemos isso! Diga-me agora uma coisa: Como se sente ao levantar?

Pedro — Senhor doutor, todas as manhãs me levanto às seis. Nesse momento sinto dores de cabeça, vertigens, preguiça...

Médico — E isso por quanto tempo?

Pedro — Durante o primeiro quarto de hora. Levanto-me às seis; às seis e um quarto já passou tudo.

Médico — Então o remédio é simples: experimente levantar-se às seis e um quarto.

Pedro — Senhor doutor, muito obrigado. *(Sai.)*

PEDROSA FERREIRA, *Teatrinho*, Porto, Salesianas, s.d. (adaptado).

2

Conselheiro — *(sem saber que mais inventar)* Lembrei-me que nas histórias que me contavam em miúdo...

El-rei Tadinho — *(com espanto)* Tu foste miúdo?!

Conselheiro — *(murmurando, muito envergonhado, de olhos cravados na biqueira dos sapatos)* Fui sim, Majestade...

El-rei Tadinho — Imaginem!... Sempre pensei que os conselheiros e ministros nasciam já velhos!

Conselheiro — Não, majestade, nascemos todos muito pequeninos...

El-rei Tadinho — *(entusiasmadíssimo com a sua descoberta)* E também molham fraldas?

Conselheiro — *(de novo muito envergonhado)* Também, majestade... *(tentando mudar de conversa)* Pois como ia dizendo, lembrei-me que nessas histórias que me contavam, todos os reinos tinham sempre um dragão inimigo, e que era norma os reis oferecerem a filha em casamento a quem a livrasse de tal flagelo.

ALICE VIEIRA, *Graças e desgraças da corte de El-rei Tadinho*, 10.^a ed., Lisboa, Caminho, 1998 (adaptado).

OFICINA DE ESCRITA 12 PÁG. 20

TEXTO POÉTICO: UM TEXTO COM ARTE

- 1 **Mais e menos:** a intensidade do amor, segundo o sujeito poético, deverá ser sempre menor no passado do que no presente mas no futuro maior do que no presente, numa gradação positiva de crescente intensidade; **Rifão quotidiano:** não devemos estar à espera do que acontece. Devemos ser nós a tomar a iniciativa.
- 2 Resposta pessoal. Dada a natureza deste item, não é apresentado cenário de resposta.

III. TEXTO NÃO LITERÁRIO

OFICINA DE ESCRITA 13 PÁG. 21

TEXTO INFORMATIVO

1 1.1

Informação do Instituto Português do Mar e da Atmosfera
 Atualizado a 2 de março de 2017
 Previsão para a tarde
 Bragança:
 Céu limpo.
 Temperatura máxima de 14 °C e mínima de 4 °C.
 Sagres:
 Céu pouco nublado.
 Temperatura máxima de 18 °C e mínima de 9 °C.
 Ondulação forte.

OFICINA DE ESCRITA 14 PÁG. 22

TEXTO DE OPINIÃO

2 2.1 Resposta pessoal.

OFICINA DE ESCRITA 15 PÁG. 25

CARTA

1 Resposta pessoal.

OFICINA DE ESCRITA 16 PÁG. 26

RELATÓRIO

1 Resposta pessoal.

Exemplo de resposta:

Visita de estudo do 6.º ano ao Teatro de São João, à Igreja e Torre dos Clérigos e ao Centro Português de Fotografia

No dia 27 de janeiro de 2017, os alunos do 6.º ano fizeram uma visita de estudo ao Teatro de São João, à Igreja e Torre dos Clérigos e ao Centro Português de Fotografia.

No total, entre professores e alunos, éramos 98 pessoas.

Os alunos foram repartidos por dois autocarros. A minha turma seguiu com o 6.º D no 1.º autocarro, ao passo que as turmas do 6.º B e C foram no 2.º autocarro. Conosco, foram a acompanhar-nos os professores João Pedro Cancela, Isabel Maria Costa, Antónia Antunes e Ana Maria Alves. A acompanhar os alunos do 6.º B e C, foram os professores Alcino Teixeira, Cláudia Oliveira, Pedro Coelho e Carlos Tavares.

Por volta das 8 h 30, saímos da escola, tendo chegado ao Teatro São João, no Porto, duas horas depois. Aí, assistimos à representação de «Ulisses», de Maria Alberta Menéres. Trata-se de uma obra que estudámos na aula e que foi adaptada para o teatro. Pela reação dos meus colegas, todos parecem ter adorado o espetáculo.

Dali, seguimos viagem, a pé, para o Jardim de João Chagas (Jardim da Cordoaria), onde almoçamos, por volta das 12 h 00. Foi num instantinho que «despachámos» o almoço, pois os professores permitiram-nos um pequeno passeio pela cidade, depois de almoço.

A parte de tarde estava reservada para a visita à Igreja e Torre dos Clérigos e ao Centro Português de Fotografia. Ora, como éramos muitos e porque era necessário rentabilizar o tempo, os professores dividiram-na em dois turnos, seguindo para cada lado a visitar com os alunos que foram em cada autocarro. Assim, às 14 h 00, os 47 alunos que constituíam os grupos 1 e 4, onde eu me incluía, deslocaram-se à Igreja e Torre dos Clérigos, para a visitar. Enquanto isso, os outros 43 alunos que formavam os grupos 2 e 3 visitaram o Centro Português de Fotografia (antiga Cadeia da Relação).

Por volta das 15 h 00, os grupos trocaram e segui com os meus colegas para o Centro Português de Fotografia, onde fiquei a saber que lá estivera preso um escritor famoso: Camilo Castelo Branco.

Às 16 h 00, já um pouco cansados, lanchámos e preparámo-nos para «regressar a casa», que é como quem diz, à nossa escola. Eram 17 h 30 em ponto quando tal se verificou.

Tudo correu de acordo com o planeado e foi uma visita de estudo enriquecedora. Aguardamos por outra!

OFICINA DE ESCRITA 17 PÁGS. 27 e 28

RESUMO

1 Resposta pessoal.

Exemplo de resposta:

Pequenas coisas

Manuel reparava em coisas que para os outros passavam despercebidas.

O Manuel gostava de se sentar, ao entardecer, num banquinho de pedra perto da parede velha ao fundo do jardim, a olhar para um azulejo branco onde um menino e um veado pareciam olhar para ele.

Naquele dia, o Manuel ficou admiradíssimo, por ver o quadradinho branco um pouco sujo, sem o menino e o veado. Mais se admirou quando olhou para o chão e lhe pareceu ver sinais de passos, em direção à cancela da horta. Deslocou-se para lá, onde os viu numa correria e pediu-lhes se podia brincar com eles. E ali ficaram, até o lusco-fusco os envolver.

Tristes, despediram-se o Manuel, o menino e o veado.

No dia seguinte, mal acordou, o Manuel correu para o fundo do jardim, a ver se o azulejo velho lhe dizia alguma coisa, mas apenas viu um quadradinho branco sujo onde um menino e um veado, em traços muito azuis, pareciam olhar para ele.

O Manuel concluiu que é preciso saber esperar pelo lusco-fusco, momento em que acontecem coisas maravilhosas.

CONSTRUÇÃO DE UM TEXTO A PARTIR DE UM ESQUEMA

1

- | | | |
|-------------------|---------------------|-------------------|
| A. Tubo digestivo | E. Estômago | I. Bolo alimentar |
| B. Fígado | F. Intestino grosso | J. Quilo |
| C. Saliva | G. Ânus | K. Absorção |
| D. Faringe | H. Digestão | |

2

- | | | |
|--------------------|-----------------------|----------------------|
| (a) nutrientes | (j) faringe | (s) bÍlis |
| (b) fezes | (k) esófago | (t) quilo |
| (c) ânus | (l) estômago | (u) resÍduos |
| (d) fÍgado | (m) intestino delgado | (v) nutrientes |
| (e) digestão | (n) suco pancreático | (w) absorção |
| (f) anexas | (o) bÍlis | (x) intestino grosso |
| (g) boca | (p) bolo alimentar | (y) fezes |
| (h) alimentos | (q) quimo | |
| (i) bolo alimentar | (r) suco pancreático | |

OFICINA DE ESCRITA 19 PÁGS. 30 e 31

PARÁFRASE

2

Resposta pessoal.

Exemplo de resposta:

A Ephemera vive mesmo só um dia?

A *Ephemera* **tem** antenas curtas, duas ou três longas «caudas» no final do abdómen e um ou dois pares de asas muito **frágeis**. Quando **as tem**, as asas anteriores **são muito** maiores do que as posteriores. Na Europa há cerca de 200 espécies, mas a maior diversidade encontra-se nos trópicos. Este inseto, de olhos enormes, **pode chegar a** quatro centímetros e habita as margens dos rios ou locais de água doce, onde **se alimenta**. **O nome destes insetos deve-se ao facto de viverem poucas horas. Desde o ovo até ser adulto, passa por várias transformações. No estágio anterior ao** adulto chama-se ninfa. As ninfas são aquáticas, respiram através de brânquias **e comem muito**: são geralmente herbívoras e comem restos de plantas e algas. Esta fase da vida das efémeras é particularmente longa, **podendo** durar até dois anos, mas o estado adulto é muito **rápido** — **vivem apenas um dia ou algumas horas**. Nesse **breve** tempo, encontram um parceiro, reproduzem-se e morrem, sem se alimentarem. Os machos adultos **atraem as fêmeas em grupos**. Depois do **ato sexual**, as fêmeas voltam à água, onde depositam os ovos e o ciclo recomeça.

OFICINA DE ESCRITA 20 PÁG. 32

CONVITE

1

1.1 O evento a que se refere o convite é a representação da peça *Felizmente há luar*, de Luís de Sttau Monteiro.

1.2 Quem remete o convite são os alunos do Clube de Teatro; o acontecimento ocorrerá no dia 05 de junho, pelas 21 h 00, no Auditório Municipal de Coimbra.

2

2.1 Resposta pessoal.